



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

SEXUALIDADES: DIFERENCIANDO TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NAS OBRAS DE RAMSEY E COUTO

Antoniél dos Santos Gomes Filho – Faculdade Leão Sampaio¹
Miguel Ângelo Silva Melo – Faculdade Leão Sampaio²

RESUMO

Com o objetivo de esclarecer as dúvidas existentes na sociedade em relação às diferenças entre travestis e transexuais, buscou-se através de uma revisão de literatura das obras de Ramsey e Couto indicar quais são as diferenças existentes entre essas populações. É notório que tais dúvidas podem gerar uma maior carga de discriminação e preconceito para com essas populações. Ao passo que não se distingue as particularidades das travestis e transexuais tende-se a realizar generalizações errôneas no tocante individual e coletivo. Assim, enquanto travestis utilizam roupa cruzada, fluindo entre seu sexo natal e o sexo oposto a transexual faz uso da roupa do sexo oposto, para sentir-se como tal. O exemplo da roupa constitui-se de apenas uma diferença entre tantas outras, desse modo à leitura das obras de Ramsey e Couto são fonte de pesquisas básicas para introdução e entendimento do tema.

1 INTRODUÇÃO

A definição travesti é ainda hoje erroneamente confundida com a definição da transexualidade e vice-versa. Por conseguinte, cabe apresentar algumas definições sobre essas populações aparentemente parecidas, porém distintas. Propiciando assim as diversas áreas do conhecimento compreender tais diferenciações de sexualidades, justificando assim o estudo.

Inserir a questão das travestis e transexuais em estudos científicos é uma forma de perceber como estes cidadãos e cidadãs vêm sendo objeto e alvo de chacotas, humilhações e desprestígio no percurso da construção histórica brasileira.

¹Graduando de Tecnologia em Gestão Comercial, Faculdade Leão Sampaio. Pesquisador e Monitor do Laboratório Interdisciplinar de Estudos da Violência (LIEV). E-mail: antonielsgf@gmail.com

²Doutorando em Sociologia na UFPE. Mestre em Criminologia Internacional e em Sociologia da Violência pela Universidade de Hamburgo/Alemanha. Mestre em Educação e Antropologia Social pela Universidade de Hamburgo/Alemanha. Graduado em Direito/ UNIFOR. Professor da Faculdade Leão Sampaio. Coordenador do Laboratório Interdisciplinar de Estudos da Violência (LIEV). E-mail: miguelangelo@leaosampaio.edu.br



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Frente a esse contexto sócio-histórico, Silva (1993) observa que as populações travestis andam de “mãos dadas” com a violência e com o preconceito, ao mesmo tempo em que estão envoltos de exotismo e um pensamento folclórico. Ornat (2012) considera que as experiências vividas através das diversas espacialidades, constituem-se de um paradoxo entre o normal e a transgressão. Nessa perspectiva Melo (2001) afirma que o travesti é tido como um constante transgressor das normas sociais produzidas pela própria comunidade homossexual. As transexuais por sua vez também passam por situações de preconceito e discriminação, porém ao passo que a transexualidade está enquadrada como patologia, há um olhar social que insere uma perspectiva de tratamento biopsicossocial e adequação do sujeito na sociedade, o que não ocorre com a travesti.

Diante do conteúdo apresentado o presente estudo tem como objetivo esclarecer as dúvidas existentes no âmbito da diferenciação da sexualidade das travestis e transexuais embasado nas obras: *Transexuais: perguntas e respostas*: Ramsey (1998) e *Transexualidade e, O corpo em mutação*: Couto (1999). Assim, para o desenvolvimento do presente artigo de cunho qualitativo e descritivo, foi utilizado como metodologia a revisão da literatura, que segundo Luna (1996, p. 83) “[...] tem o objetivo de circunscrever um dado problema de pesquisa dentro de um quadro de referência teórica que pretende explicá-lo”. Pádua (2004) complementa afirmando que esse tipo de pesquisa é fundamental, pois sua maior finalidade é colocar o pesquisador em contato com as obras que já foram produzidas e publicadas, nesse estudo, *Transexuais: perguntas e respostas*; de Ramsey (1998) e *Transexualidade: O corpo em mutação*; de Couto (1999). Assim de maneira geral, a revisão da literatura constituiu-se em uma varredura do conhecimento existente sobre o assunto estudado e tematizado (MACEDO, 1994).

2 DESENVOLVIMENTO

Gerald Ramsey (1998, p. 38), psicólogo clínico, especialista em distúrbios sexuais, com doutorado pela Universidade de Virgínia em Richmond, destaca que o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-IV) define uma pessoa como travesti fetichista: “Quando travestido, usualmente se masturba, imaginando-se tanto o objeto



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

masculino quanto feminino da sua fantasia sexual.”, assim tal característica não descreve o transexual. Em uma perspectiva mais elementar, Edvaldo Souza Couto (1999, p. 22), Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP), afirma que “O travestismo refere-se ao homem ou mulher que se veste e assume características físicas e psicossociais atribuídas ao sexo oposto.”, enquanto que o transexual vai além do vestir-se e agir do sexo oposto.

É de grande valia para a discussão iniciada sobre o travestismo a contribuição de Spagnol (1996), ao expor que o fenômeno do travestismo conhecido no cenário europeu - por alguns pesquisadores, denominado travestismo fetichista, clássico ou eventual, não é correspondente ao cenário brasileiro, também conhecido por travestismo popular, habitual ou hermafroditismo mental.

Nessa ótica Couto (1999) explica que a utilização de roupa cruzada pode ser por fetichismo ou por exibicionismo, assim:

Fetichismo é a entidade na qual os indivíduos apresentam desejos sexuais que surgem à vista ou toque de determinados objetos ou de certas partes do corpo não necessariamente sexuais, sendo os objetos geralmente símbolos da pessoa amada. Já o exibicionismo é a mania ou gosto na ostentação, promoção de si mesmo, sobretudo das partes sexuais (COUTO, 1999, p. 23).

Ramsey (1998) adverte que o transexual se veste como o outro sexo, não para obter prazer sexual, pois este tem baixa libido sexual. Veste-se para assumir, e não adotar um papel masculino ou feminino temporariamente, ao passo que o travesti estimula-se sexualmente com fato de está travestido, enquanto que grande parte dos transexuais não expressa nenhum sentimento de posse em relação aos seus genitais, estando ou não travestido.

As práticas sexuais de travestis e transexuais também diferenciam-se. Enquanto a travesti não nega seu órgão genital (pênis ou vagina), mesmo vestido roupas e comportando-se como o sexo oposto, o transexual rejeita e não aceita seu sexo e sua genitália natal, no qual nem chegam a tocar ou expressar posse sobre os mesmos (COUTO, 1999; RAMSEY, 1998). Desse modo:

A importância do pênis é a diferença radical entre eles (a travesti e a transexual). Uma travesti considera seu órgão sexual como fonte de gozo, como objeto valorizante. Já a transexual desinveste o órgão viril, que para ela não constitui fonte de prazer sexual. Ela deseja suprimir esse pedaço de carne atravancador, que lhe impede o acesso a identidade feminina, que ela reivindica como sendo sua (MILLOT, 1992 apud COUTO 1999).



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

As travestis são pessoas que se entendem como homens que gostam de se relacionar sexual e afetivamente com outros homens, mas que para tanto procuram inserir em seus corpos símbolos do que é socialmente tido como próprio do feminino. **Não desejam, porém extirpar sua genitália, com a qual geralmente convivem sem grandes conflitos.** (PELÚCIO, 2009, p. 44 apud DO AMARAL, 2013, p. 9-10, grifo nosso).

Durante as práticas sexuais, para a transexual é um tabu que o parceiro estimule seus órgãos genitais, na transexual homem-para-mulher o pênis, e no transexual mulher-para-homem as mamas e a vagina, enquanto que a travesti pode ter práticas homossexuais ativas ou passivas (RAMSEY, 1998).

A construção das identidades diferencia-se quando a travesti, “Além da roupa cruzada [...] transformam o corpo, quase sempre por meio de hormônios e silicone em uma ou mais partes do corpo, sobretudo nos seios, nádegas, coxas e bochechas, pois querem uma aparência ultra feminina.” (COUTO, 1999, p. 23). Nessa perspectiva de construção da identidade feminina através da modificação corporal Kulinck (2008 apud TRIGO, 2008, p. 2195) reforça afirmando que “As travestis são homens, mas exigem ser tratadas no feminino. Vestem-se de mulheres, tomam hormônios ou aplicam silicone para parecer mais mulher [...]”. Enquanto que para a transexual, além do tratamento hormonal faz-se necessário a cirurgia de redesignação sexual, para completar todo o processo (RAMSEY, 1998). Porém, o autor ressalta que nem todos os pacientes diagnosticados como transexuais terão como fim do tratamento a cirurgia de redesignação, pois muitos podem ter problemas com alcoolismo e outras drogas, apresentar distúrbios e debilidades mentais, e por outras razões médicas como obesidade e idade avançada, não sendo possível o procedimento cirúrgico.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para iniciar uma discussão sobre as diferenças entre travestis e transexuais, faz-se necessário entender que sexo é uma característica biológica, enquanto que a sexualidade constitui-se de um “oceano” de possibilidade de relações e comportamentos, construídos pelo homem nas relações psicossociais.

Assim a travesti não nega, não contraria, não se destitui do seu sexo biológico, ao contrário ver há possibilidade de uma sexualidade com infinitas possibilidades, pois, ao passo



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

que introjeta no seu corpo e comportamento uma identidade feminina, não negando seu sexo natal, ela denuncia a assexualidade dos corpos, denunciando que a sexualidade não é algo pré-moldado, pré-estabelecido socialmente no binário heterossexual. Enquanto que a transexual busca adentrar nesse binário, já que de corpo e alma pertence ao sexo oposto, vendo em sua sexualidade as possibilidades do sexo oposto, negando assim sua genitália e buscando através da cirurgia de redesignação sexual corrigir essa falha da natureza.

O desejo de pertença, total e exclusivo ao sexo oposto não existe na travesti, enquanto que na transexual este desejo faz-se presente por toda sua vida, fazendo com que ela procure tratamento cirúrgico para adequar seu sexo psicológico ao biológico. Ramsey (1998) explica que nem todos os pacientes diagnosticados como transexuais passarão pela cirurgia de redesignação sexual, principalmente aqueles que apresentam algum vício em drogas e alcoolismo, alguma debilidade ou distúrbio mental, os menores de idade e aqueles que por razões médicas (obesidade, idade avançada, etc.) são vistos como candidatos de risco para uma cirurgia.

Como ressaltado por Spagnol (1996) a realidade das travestis brasileiras é totalmente contrária à realidade europeia. Vale ressaltar que a modificação corporal através da utilização de silicone industrial e pela compra de hormônios sem atendimento médico prévio pelas travestis brasileiras é muito comum, o que pode acarretar problemas de saúde e sociais para essa população. As transexuais por sua vez tem uma árdua e difícil jornada na realização da cirurgia de redesignação sexual pelo Sistema Único de Saúde-SUS brasileiro, fazendo com que muitas optem em realizar o procedimento cirúrgico fora do país.

A roupage da travesti e da transexual constitui-se de uma diferença inquestionável, pois a transexual utiliza a roupage, “travestindo-se” do sexo oposto para assumir e legitimar os papéis e comportamentos do sexo oposto, do sexo que é seu mesmo estando em um corpo diferente. A travesti como relatado por Couto (1999) transita entre a roupage do seu sexo biológico e o sexo oposto, no qual busca através do travestismo uma identidade feminina ou masculina.

Em relação às práticas sexuais das travestis, as mesmas podem assumir um papel ativo ou passivo, já que não há nenhum sentimento de pertença ao sexo oposto. Enquanto que a transexual possui baixo ou pouco libido, pois como não possui a genitália do sexo oposto, ela



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

não pode assumir seu verdadeiro papel nas práticas sexuais, que correspondem ao sexo oposto, sendo assim necessário adequar seu corpo ao sexo psicológico.

Portanto, a correta diferenciação proporcionará um melhor entendimento sobre as particularidades de travestis e transexuais, agregando assim um maior conhecimento sobre essas populações inseridas no meio social, que por vezes são deixadas a margem e desqualificadas socialmente acarretando assim graves problemas sociais. Desse modo conclui-se que as obras de Ramsey (1998) e Couto (1999) podem servir de fonte de pesquisa para um melhor entendimento sobre as diferenças entre travestis e transexuais.

REFERÊNCIAS

COUTO, Edvaldo Souza. **Transexualidade: O corpo em mutação**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.

DO AMARAL, Thiago Clemente. TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E MERCADO DE TRABALHO: MUITO ALÉM DA PROSTITUIÇÃO. 2013. In: **III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES**. Disponível em: <<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/Travestis-transexuais-e-mercado-de-trabalho-muito-al%C3%A9m-da-prostitui%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 17 de Set. de 2013.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1996.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação a pesquisa bibliográfica: guia dos estudantes para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MELO, Miguel Ângelo Silva de. **Die Verletzung des Mechenrechtes durch das Hassverbrechen am Brasiliens: Eine ethnographische Studie im vier Städten Brasiliens**. 2001. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos de Sociologia do Crime, Direito Criminal e Criminologia). Faculdades de Ciências Sociais e Direito, Universidade de Hamburgo Alemanha. Hamburgo, 2001.

ORNAT, Marcio Jose. Espaços interditos e a constituição das identidades travestis através da prostituição no Sul do Brasil. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 3, n. 1, p. 54-73, 2012. Disponível em:



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/3336/pdf_6>. Acesso em: 14 Fev. 2014.

PÁDUA, Elizabete Matallo de. **Metodologia da pesquisa**: Abordagem teórico-prática. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

RAMSEY, Gerald. **Transexuais**: perguntas e respostas. São Paulo: Summus, 1998.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: ISER, 1993.

SPAGNOL, Antônio Sérgio. **Desejo marginal**: violência nas relações homossexuais na cidade de São Paulo. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - USP. São Paulo, 1996.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 9, Set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2008000900029&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 Set de 2013.